

A REVOLTA VOLUNTÁRIA DO TRADUTOR RUIVO: VERTER “TENTAÇÃO” DE CLARICE LISPECTOR

Mark Ridd

Universidade de Brasília
mdridd@solar.com.br

Em tempos de fervor clariceano na esteira de badalada biografia da mais peculiar das autoras brasileiras e de uma nova leva de traduções de sua obra em língua inglesa¹, parece adequado refletir sobre a tarefa de vertê-la, vertendo-a.

O conto “Tentação” oferece amplas oportunidades para esta reflexão, pois apresenta traços estilísticos e desafios à tradução bem típicos da autora, além de por em jogo temas constantes na obra de Lispector: “a busca da identidade, a solidão, o acaso” (DARIN, 2000, p. 73). Ele relata um encontro fortuito entre uma menina ruiva e um cachorro, um *basset*, igualmente ruivo. Bem ao gosto da autora, o texto todo se passa no mais absoluto silêncio – nenhum som, nenhum latido, nenhuma palavra. Os dois protagonistas não se cumprimentam, nem se abraçam; apenas se olham, comunicam-se por silencioso olhar num instante tão intenso que apaga tudo à sua volta e suspende o tempo: “Eles se fitavam profundos, entregues, ausentes de Grajaú” (LISPECTOR, 1994). Em seguida, o cachorro rompe o elo tênue e segue seu caminho até dobrar a esquina e sumir, deixando a menina pasma. Como de costume nos contos de Clarice Lispector, o bicho mostra-se mais forte, mais seguro de si que os humanos, acometidos que são de embaraços, contradições e dúvidas.

Mais que um relato, uma estória, trata-se de uma epifania na tradição do conto moderno estabelecida por James Joyce², certamente reforçada em Clarice Lispector pela leitura de Katherine Mansfield e Rosamund Lehmann. Ambas eram caras à brasileira, ambas adeptas de narrativas epifânicas nas quais, como no caso de “Tentação”, “o episódio mais banal é capaz de produzir a intuição mais profunda e dramática – o momento vital em que o tempo para e nossa existência cotidiana se despe das camadas confortáveis e convencionais para deixar a pessoa só na solidão da sua consciência e da sua personalidade”³ (PONTIERO, 1972, p. 17). Como nos contos de *Dubliners* e *Primeiras estórias*, nada acontece, mas o não-acontecimento é revelador para a menina e, quem sabe, para o *basset*. Nesse momento de intensa interação, “motivos humanos se revelam com franqueza assustadora: nossa fome insaciável de possuir e de ser possuído”⁴ (*ibid.*, p. 20) expressa no conto pelo comentário: “Entre tantos seres que estão prontos para se tornarem donos de outro ser, lá estava a menina que viera ao mundo para ter aquele cachorro”. E, logo adiante: “Sabe-se também que sem falar eles se pediam. Pediam-se, com urgência, com encabulamento, surpreendidos” (LISPECTOR, 1994). Leila

¹ Refiro-me aqui à biografia de Clarice Lispector escrita por Bernard Moser (*Why this world: a biography of Clarice Lispector*. Oxford: Oxford University Press, 2009) e traduzida para o português (*Clarice, uma biografia*. Rio de Janeiro: Cosac Naify, 2011), que teve calorosa recepção nas duas línguas. O próprio Moser agora coordena um projeto de tradução e/ou re-tradução para inglês da obra de Clarice, inclusive os contos completos, por considerar que fora mal servida pelas traduções já publicadas até por tradutores do porte de Gregory Rabassa e Giovanni Pontiero, opinião secundada pelo crítico e tradutor de Machado, John Gledson. Ver “Para inglês entender”, *Carta Capital*, ano XVII, n. 671, 9 nov. 2011, p. 82-94.

² Ver *Stephen Hero e A portrait of the artist as a young man*, de James Joyce.

³ “(...) the most trivial episode can produce the most profound and dramatic intuition – the vital moment when time stands still and our daily existence is stripped bare of its comfortable conventional surfaces, leaving man alone in the solitude of his conscience and his personality” (Tradução minha, como as demais que não tenham identificação de tradutor.).

⁴ “Human motives are revealed with a terrible frankness: our insatiable hunger to possess and be possessed”.

Darin considera a epifania uma marca crucial da escrita de Clarice e acrescenta: “Embora Clarice Lispector nunca tenha falado de ‘epifania’, muitos estudiosos têm lido em sua obra ficcional uma *poética do instante* (SÁ, 1979, p. 157), que se traduz como uma súbita revelação do ser, como um instante mágico de libertação e iluminação” (DARIN, 2000, p. 74).

Pretendo concentrar meus comentários aqui em alguns aspectos do conto e sua tradução que considero mais relevantes: os elementos estilísticos e discursivos que merecem atenção do tradutor, principalmente a prosa poética, as colocações estranhas⁵ e as repetições; a questão do ruivo; e a necessidade de o tradutor ser ruivo o suficiente para ousar uma revolta voluntária e resistir à tentação da domesticação.

Primeiramente, no entanto, há de se ler Clarice em ruiva pessoa:

Tentação

Ela estava com soluço. E como se não bastasse a claridade das duas horas, ela era ruiva.

Na rua vazia as pedras vibravam de calor – a cabeça da menina flamejava. Sentada nos degraus de sua casa, ela suportava. Ninguém na rua, só uma pessoa esperando inutilmente no ponto do bonde. E como se não bastasse seu olhar submisso e paciente, o soluço a interrompia de momento a momento, abalando o queixo que se apoiava conformado na mão. Que fazer de uma menina ruiva com soluço? Olhamo-nos sem palavras, desalento contra desalento. Na rua deserta nenhum sinal de bonde. Numa terra de morenos, ser ruivo era uma revolta involuntária. Que importava se num dia futuro sua marca ia fazê-la erguer insolente uma cabeça de mulher? Por enquanto ela estava sentada num degrau faiscante da porta, às duas horas. O que a salvava era uma bolsa velha de senhora, com alça partida. Segurava-a com um amor conjugal já habituado, apertando-a contra os joelhos.

Foi quando se aproximou a sua outra metade neste mundo, um irmão em Grajaú. A possibilidade de comunicação surgiu no ângulo quente da esquina, acompanhando uma senhora, e encarnada na figura de um cão. Era um basset lindo e miserável, doce sob a sua fatalidade. Era um basset ruivo.

Lá vinha ele trotando, à frente de sua dona, arrastando seu comprimento. Desprevenido, acostumado, cachorro.

A menina abriu os olhos pasmados. Suavemente avisado, o cachorro estacou diante dela. Sua língua vibrava. Ambos se olhavam.

Entre tantos seres que estão prontos para se tornarem donos de outro ser, lá estava a menina que viera ao mundo para ter aquele cachorro. Ele fremia suavemente, sem latir. Ela olhava-o sob os cabelos, fascinada, séria. Quanto tempo se passava? Um grande soluço sacudiu-a desafinado. Ele nem sequer tremeu. Também ela passou por cima do soluço e continuou a fitá-lo.

Os pelos de ambos eram curtos, vermelhos.

Que foi que se disseram? Não se sabe. Sabe-se apenas que se comunicaram rapidamente, pois não havia tempo. Sabe-se também que sem falar eles se pediam. Pediam-se, com urgência, com encabulamento, surpreendidos.

No meio de tanta vaga impossibilidade e de tanto sol, ali estava a solução para a criança vermelha. E no meio de tantas ruas a serem trotadas, de tantos cães maiores, de tantos esgotos secos – lá estava uma menina, como se fora carne de sua ruiva carne. Eles se fitavam profundos, entregues, ausentes de Grajaú. Mais um instante e o suspenso sonho se quebraria, cedendo talvez à gravidade com que se pediam.

Mas ambos eram comprometidos.

Ela com sua infância impossível, o centro da inocência que só se abriria quando ela fosse uma mulher. Ele, com sua natureza aprisionada.

A dona esperava impaciente sob o guarda-sol. O basset ruivo afinal despregou-se da menina e saiu sonâmbulo. Ela ficou espantada, com o acontecimento nas mãos, numa mudez que nem pai nem mãe compreenderiam. Acompanhou-o com olhos pretos que mal acreditavam, debruçada sobre a bolsa e os joelhos, até vê-lo dobrar a outra esquina.

Mas ele foi mais forte que ela. Nem uma só vez olhou para trás (LISPECTOR, 1994, p. 53-55).

Segundo Alceu Amoroso Lima, “ninguém escreve como Clarice Lispector. Clarice Lispector não escreve como ninguém. Só seu estilo mereceria um ensaio especial. É uma

⁵ O que Claire Varin chama de “alianças singulares” que conferem à prosa de Lispector um sotaque estrangeiro. (VARIN, 2004, p. 203).

clave diferente à qual o leitor custa a adaptar-se” (LIMA, 1946). Ao recorrer a colocações incomuns, quando não francamente estranhas, ela “dá à palavra um sentido diverso do que ela tem habitualmente, conseguindo com isso marcar os momentos importantes para a ação e criar um clima de mistério, solidão, inexorabilidade, angústia, medo, força etc.” (LIMA, 2004, p. 19). Davi Carneiro tece comentário muito perspicaz sobre a prosa iconoclasta de Guimarães Rosa. Segundo ele, “ao lermos Guimarães Rosa sentimos um estranhamento e percebemos que se trata de uma *língua outra*, mas temos a capacidade de ler essa *língua estrangeira*, pois muitos signos são compartilhados por nós” (CARNEIRO, 2008, p. 8). Com Lispector, a situação é outra: a prosa é relativamente idiomática, claramente português do Brasil, mas falado com charmoso sotaque estrangeiro.

A questão da repetição é marcante, pois contraria as noções tradicionais de bom estilo. A Linguística de Corpus nos prova que, em relação ao texto literário de partida, o tradutor tende a escrever com o que o mundo comercial chama de “redação própria”, que é, na verdade, a redação dos outros, o padrão⁶. Mas é preciso resistir à tentação de padronizar Clarice em tradução. A frase “E como se não bastasse” do segundo período é repetida quatro períodos adiante. Além de contrariar as regras gramaticais, iniciando-se com “e”, os dois períodos apresentam um choque lógico: “como se não bastasse a claridade [...] ela era ruiva” e “como se não bastasse seu olhar submisso e paciente, o soluço a interrompia”. É a mesma perturbadora lógica ilógica que se lê no período anterior: “Ninguém na rua, só uma pessoa esperando inutilmente no ponto do bonde”. A repetição, pois, serve para gerar estranhamento, para chamar nossa atenção para a quebra das regras de linguagem e pensamento que a autora opera. O desengonço aparente casa-se com um discurso poético na descrição precisa do efeito do soluço sobre a menina: “... o soluço a interrompia de momento a momento, abalando o queixo que se apoiava conformado na mão”. Na tradução publicada em língua inglesa (LISPECTOR, 1992), observa-se que, apesar de conservar a repetição mais chamativa, o tradutor, Giovanni Pontiero, domestica os nexos ilógicos além de ignorar a poeticidade da descrição:

She was sobbing. And as if the bright glare of the afternoon were not enough, she had red hair. In the empty street the stones vibrated with heat – the little girl’s head was aflame. Seated on the steps in front of the house, she was bearing up. The street was deserted, except for a solitary figure waiting in vain at the tram stop. As if her patient and submissive gaze were not enough, her sobs kept interrupting her and caused her chin to tremble as it rested dejectedly on one hand⁷.

Ele domestica a justaposição de “ninguém na rua, só uma pessoa”, tornando o lapso lógico uma conexão lógica comum, banal. A opção por “she had red hair” também ameniza o estranhamento lógico do segundo período. Igualmente digna de nota é a supressão da repetição do horário, as duas horas escaldantes dos trópicos, que Pontiero guarda para revelar somente na segunda ocorrência em português.

Lapso lógico mais perturbador para o leitor ocorre na inesperada introdução de uma primeira pessoa que dificulta a interpretação da identidade, papel e temporalidade da pessoa que aguarda o bonde na rua deserta: “Olhamo-nos sem palavras, desalento contra desalento”. O desalento dessa personagem misteriosa levanta dúvidas na mente do leitor: será ela a própria autora?

⁶ A este respeito, ver BAKER, Mona. Réexplorer la langue de la traduction: une approche par corpus. *Meta*, v. 43, n. 4, p. 1-7, 1998.

⁷ Note-se, também, que ao traduzir “estar com soluço” por “be sobbing”, o tradutor cria um elemento mais trágico, menos prosaico, pois a menina já começa o conto triste e chorosa, o que não corresponde ao seu estado de espírito. Mais adiante, quando o soluço interrompe a comunicação com o *basset*, essa opção pelo “sob” se mostra ainda mais inconveniente.

Contudo, nem toda repetição respeita as qualidades literárias do texto. Assim, por exemplo, consideramos infeliz a tradução de “menina” por “*little girl*” que Pontiero replica ao longo da sua tradução, pois, além de enfeiar a prosa, torna a ótica da escrita piegas, ainda mais dada sua tradução dramática do prosaico solução.

A repetição mais relevante de “Tentação”, no entanto, é da palavra “ruivo”. Pontiero opta por “red hair” e “red-haired”, o que reduz a qualidade de ruivo ao cabelo e impede a percepção da qualificação mais radical “criança vermelha” que antecede a comparação “como se fora carne de sua ruiva carne”. Na tradução do Pontiero, suprime-se a “criança vermelha”: “In the midst of so much vague impossibility and so much sun, there was the solution for the red-haired girl. And in the midst of so many streets to be trotted, of so many bigger dogs, of so many dry sewers – there was a little girl as if she were the flesh of his own red flesh”.

Ruivo é um problema para quem traduz o texto para inglês, pois as opções mais normais são “red hair”, “red-headed”, “carrot-top”. Todas restringem a “ruivez” ao cabelo quando está claro que Clarice Lispector quer que seja um atributo do todo, não da parte: “Numa terra de morenos, ser ruivo era uma revolta involuntária”. Dada a escolha de vocábulo para “ruivo”, Pontiero se vê obrigado a traduzir assim: “In a land of brunettes, to have red hair was an involuntary act of rebellion”. Ficamos restritos não somente ao cabelo mas também ao sexo (“brunettes”).

Ser ruivo, contudo, é bem mais. Relaciona-se com o absurdo, conforme apontamento do próprio Pontiero na sua ótima introdução a “Family ties” (PONTIERO, 1972, p. 16), em que faz uma associação com os quatro modos pelos quais Camus considera que o absurdo engendra uma explosão repentina (epifania?) de sentimentos, dos quais destacamos dois: “3. O sentimento de viver num mundo de estranhos [...]; 4. O sentimento de isolamento inelutável de outros seres”⁸. Ser ruivo, para Clarice Lispector, é sentir-se apartado, fora de sintonia com os outros⁹.

Em visto disso, na nossa tradução¹⁰, optamos por “ginger”, também usado para referência a ruivos, mas sem se restringir a cabelo e com conotações mais interessantes de condimento exótico, de reticência e cautela (“gingerly”), bastante apropriadas aos protagonistas deste conto: não se entregam à tentação por cautela e encabulamento. Dessa forma, torna-se possível entender o ruivo como oposto ao moreno: “In the land of the swarthy, being ginger was an involuntary revolt”. Procuramos, com isso, alcançar o que Leila Darin chama a questão nuclear da escritura de Clarice Lispector: “a relação entre signo e ser. [...] Ela mostra que a palavra almeja tocar o ‘ser’, unir-se apaixonadamente a ele sem jamais expressá-lo em sua totalidade e espontaneidade” (DARIN, 2000, p. 71-72). “Ginger” parece dar vazão ao que Horst Nitschak descreve como “... o esforço de quebrar com palavras o poder da realidade que delas depende [...] abrir um espaço e deter por um momento o decorrer fatal do tempo [...] para deixar transparecer o que está além da palavra e da linguagem e que por elas sempre é encoberto” (NITSCHAK, 2004, p. 231).

Ademais, a opção por “ginger” nos permite manter uma única palavra para ruivo ao longo do texto, mantendo a forte repetição, elemento que Clarice Lispector considerava parte

⁸ 3. The sense of being in an alien world. [...] 4. A sense of inexorable isolation from other beings.

⁹ Com referência a *Laços de família*, Giovanni Pontiero comenta a ambiguidade da palavra “laços”: “se refere, por um lado, às correntes do conformismo social que atam cada ser humano aos seus pares e, por outro, aos elos de solidão e alienação inerentes à humanidade.” [...] referring on the one hand to the social chains of conformity which link each human to his fellow man, on the other hand to the bonds of solitude and alienation inherent in our humanity.] (PONTIERO, 1972, p. 21).

¹⁰ É preciso reconhecer a contribuição de alunos da turma de Prática de Tradução Português-Inglês: Textos Literários, na UnB, no segundo semestre de 2011, em relação a várias das escolhas e soluções da tradução que apresentamos aqui.

de sua poética: “O estilo simples e repetitivo da Autora cria uma imagem de simplicidade, vulnerabilidade e naturalidade em que parece haver uma união entre literatura e vida. Em Clarice, não se lê o que está nas linhas do texto, mas sim aquilo que se esconde entre elas. [...] A Autora usa as palavras para escrever e as entrelinhas para mostrar as verdades, o que dá lugar à interpretação do leitor e, em decorrência, no texto traduzido, à interpretação do tradutor” (LIMA, 2004, p. 21). A própria Clarice chegou a declarar que “a repetição me é agradável, e repetição acontecendo no mesmo lugar termina cavando, pouco a pouco, cantilena enjoada, diz alguma coisa” (LISPECTOR, 1964, p. 175).

Um parágrafo do conto é particularmente revelador da relação entre repetição e estética: “Que foi que se disseram? Não se sabe. Sabe-se apenas que se comunicaram rapidamente, pois não havia tempo. Sabe-se também que sem falar eles se pediam. Pediam-se, com urgência, com encabulamento, surpreendidos”.

Pontiero o traduz da seguinte forma: “What did they say to each other? No one knows. We only know that they communicated rapidly with each other, for there was no time to lose. We also know that, without speaking, they invoked each other. They invoked each other with urgency, embarrassment and surprise”. As 32 palavras do texto de Clarice cresceram para quarenta e seis, em boa parte devido à proliferação de pronomes pessoais. Perde-se a compressão e a beleza do texto em momento fulcral do conto.

Em nossa tradução, embora não tenhamos conseguido a mesma qualidade sucinta, passando para quarenta e duas palavras, buscamos dar vazão ao elemento poético: “What passed between them? No one knows. All we do know is that they communicated shortly, for time was out. We know, too, that without uttering a sound they yearned for each other. They yearned for each other, urgently, bashfully, caught unawares”. Alcançamos ainda incluir uma repetição interessante que não ocorre no texto em português mas que está plenamente de acordo com o procedimento da autora: “caught unawares” repete e se tece com “Unaware, accustomed, doggy” no quarto parágrafo. A repetição é interessante pois é modulada: “unaware” vira “unawares”, o sentido contrastante de “desprevenido” e “surpreendidos” ficando em relevo.

A tentação maior à qual o tradutor deve resistir é a de domesticar, tornar o estranho mais familiar e menos perturbador. “Tentação” busca e demanda, portanto, um tradutor igualmente ruivo, que deixe os lapsos, as lacunas, os silêncios e estranhamentos do texto de Clarice Lispector intactos para o leitor de outra língua. O tradutor há, pois, de adotar o sotaque estrangeiro que Varin (2004) detecta¹¹ sem, com isso, abandonar a idiomática. Deixamos ao leitor julgar se nossa tradução obtém tais efeitos:

Temptation¹²

Clarice Lispector

She had the hiccoughs. And as if the two-o'clock glare were not enough, she was ginger. The cobblestones throbbed in the heat – the girl's head was aflame. Sitting on the steps outside her house, she bore it. No one in the street, just one person waiting vainly at the tram stop. And as if her submissive, patient look were not enough, the hiccoughs interrupted her at intervals, joggling her chin cupped meekly in her hand. What remedy for a ginger girl with the hiccoughs? We observed each other in silence, despond against despond. On the desolate street no sign of a tram. In the land of the swarthy, being ginger was an involuntary revolt. What matter if in later life her distinguishing feature would lead her to hold a brazen woman's head aloof? For the time being she was perched on a blazing front-door step at two in the

¹¹ Vale comentar, *en passant*, que Varin, como vários estudiosos, localiza seu sotaque, seu estilo personalíssimo mais na sintaxe. Neste e em outros contos, no entanto, não é a sintaxe mas as colocações, as escolhas vocabulares que lhe emprestam esse sotaque.

¹² Traduzido pelo autor deste artigo, Mark Ridd.

afternoon. Her salvation took the shape of a tatty old handbag with a broken strap. She cradled it with now habitual conjugal affection, clasping it against her knees.

That was when her other half in this world appeared, a kindred spirit in Grajaú. The prospect of communication loomed on the hot angle of the corner, accompanying a lady, incarnate in the figure of a dog. It was a lovely, doleful basset hound, tenderly bearing its fate – a ginger basset.

Along it came, trotting ahead of its owner, dragging its length along. Unaware, accustomed, doggy.

The girl opened wide her astounded eyes. Mildly alerted, the dog pulled up short in front of her. Its tongue quivered. They looked each other in the eye.

Of all the beings ready to become another being's owner, there was the girl who had come into this world to have that dog. He trembled slightly but did not bark. She eyed him with grave fascination from under her hairline. How long for? A great hiccough shook her out of joint. He did not even flinch. She too put the hiccough behind her and continued to stare at him.

They both had short, red hair.

What passed between them? No one knows. All we do know is that they communicated shortly, for time was out. We know, too, that without uttering a sound they yearned for each other. They yearned for each other, urgently, bashfully, caught unawares.

In the midst of such vague impossibility and such blinding sunlight, there stood the solution for the red child. And from among so many streets to be trotted, so many bigger dogs, so many parched gutters – there sat the girl, nearly flesh of his ginger flesh. They looked long and hard at each other, in a trance, removed from Grajaú. A moment more and the suspended spell would be broken, yielding to the gravity of their yearning.

But both were bound.

She, to her hopeless childhood, the core of innocence that would only open up with womanhood. He, to his captive nature.

The lady waited impatiently under her parasol. The ginger basset finally broke free from the girl and sleepwalked away. She was amazed, the incident in her hands, dumbstruck in a way mother and father would never fathom. She followed him with disbelieving black eyes, hunched over handbag and knees till she saw him turn the next corner.

But he was stronger than her. Not once did he look back.

Referências bibliográficas

BAKER, Mona. Réexplorer la langue de la traduction: une approche par corpus. *Meta*, v. 43, n. 4, p. 1-7, 1998.

CARNEIRO, Davi P. A tradução como percurso em A terceira margem do rio, de Guimarães Rosa. *Scientia traductionis*, n. 6, 2008.

DARIN, Leila C. de M. A tradução literária como crítica: uma nova voz para Clarice Lispector. *Todas as Letras*, n. 2, p. 69-75, 2000.

LIMA, Alceu Amoroso. Texto de orelha da 1ª ed. In: LISPECTOR, Clarice. *O lustre*. Rio de Janeiro: Agir, 1946.

LIMA, Thereza C. de S. *A tradução e os prazeres de descobrir o mundo de Clarice Lispector*. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução). São José do Rio Preto: UNESP, 2004. Disponível em: <http://www.athena.biblioteca.unesp.br/exlibirs/bd/brp/33004153069p5/2004/lima_tcs_me_sjrp.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2012.

LISPECTOR, Clarice. *A legião estrangeira*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1964.

_____. *Felicidade clandestina*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994.

_____. *Temptation*. In: LISPECTOR, C. *The foreign legion: stories and chronicles*. Trans. by Giovanni Pontiero. New York: New Directions, 1992. [First publication: London, Carcanet Press, 1986.]

MOSER, Bernard. *Why this world: a biography of Clarice Lispector*. Oxford: Oxford University Press, 2009.

NITSCHACK, Horst. *A hora da estrela* (Clarice Lispector) e *Primera Muerte de Maria* (Jorge Eduardo Eielson): superação de uma estética da mimesis. (Trad. de Hedda Malina). In: PONTIERI, Regina (org.). *Leitores e leituras de Clarice Lispector*. São Paulo: Hedra, 2004.

PIRES, Francisco Quinteiro. “Para inglês entender”. *Carta Capital*, ano XVII, n. 671, 9 nov. 2011, p. 82-94.

PONTIERO, Giovanni. Introduction. In: LISPECTOR, Clarice. *Family ties*. Trans. by Giovanni Pontiero. Austin: University of Texas Press, 1972. Disponível em: <<http://www.utexas.edu/utpress/excerpts/exlisfam.html>>. Acesso em: 28 fev. 2012.

VARIN, Claire. Clarice Lispector e o espírito das línguas. In: PONTIERI, Regina (org.). *Leitores e leituras de Clarice Lispector*. São Paulo: Hedra, 2004. p. 213-234.